

Histórias de quem conta histórias¹

Júlio César Matos DELGADO²
Kamila dos Santos NASCIMENTO³
Alfredo GARCIA⁴
Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA

RESUMO

A reportagem “Histórias de quem conta histórias” foi desenvolvida por estudantes de Jornalismo durante o 6º período do curso, a quando da disciplina Planejamento de Cobertura Jornalística. Os autores acompanharam as primeiras seis horas do “Teatro 36 horas no ar”, evento que transformou Belém na capital do teatro. A ideia da cobertura partiu do próprio docente da disciplina – como método de avaliação. O professor em nada interferiu no tipo de abordagem que foi dada à pauta – produzida pela equipe. Este artigo mostra o planejamento, métodos e objetivos que originaram a reportagem. O texto aborda o universo mágico, mas cheio de dificuldades que é fazer teatro na Amazônia. Sem apoios, recursos e espaço, atores são diretores que são cenógrafos que são divulgadores que são sonhadores. Entre suor e lágrimas, o amor aos palcos (quando há palcos!).

PALAVRAS-CHAVE: reportagem; teatro; Amazônia; jornalismo; jornalismo literário.

1 INTRODUÇÃO

Como método de avaliação da disciplina Planejamento de Cobertura Jornalística, ministrada durante o 6º período do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio do Pará (Estácio FAP), o professor Alfredo Garcia combinou com os alunos a cobertura das 36 horas de apresentações teatrais, da edição de 2014 do “Teatro 36 horas no ar”. A turma foi dividida em seis equipes e cada uma ficou responsável por acompanhar seis horas do evento, projeto organizado pela Federação Estadual de Teatro (Faces) e que aconteceu das 10 horas do dia 13 de setembro às 22 horas do dia 14 de setembro de 2014, no Teatro Margarida Schivasappa, da Fundação Cultural Tancredo Neves (Centur), em Belém.

Na programação 36 apresentações, entre comédia e drama, para todas as idades. O palco do Centur foi destinado a companhias da capital paraense e também para grupos do interior do Estado, que superaram dificuldades diárias em busca de tornar sonho em realidade. A programação foi definida e as peças agrupadas por faixas etárias. As apresentações

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo impresso.

² Aluno líder, estudante do 7º Semestre do Curso Jornalismo, Estácio FAP, email: juliomatosdelgado@gmail.com.

³ Estudante do 7º Semestre do Curso Jornalismo, Estácio FAP, email: monteirokamilanascimento@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, Estácio FAP, email: _____.

seguiram a ordem: peças de conteúdo infantil, depois peças para jovens e entre o final da noite e madrugada, peças de conteúdo adulto e assim novamente no dia seguinte. E o mais importante: o público teria acesso aos espetáculos de forma inteiramente gratuita.

A equipe dos autores deste trabalho se dividiu entre produtores, repórteres e fotógrafos para registrar as primeiras horas do evento e as apresentações que deram a largada à programação.

Como trabalho acadêmico que seria avaliado, o docente cobrou além da pauta, uma reportagem escrita com no mínimo oito mil caracteres e fotos feitas durante a cobertura para compor o material que seria entregue posteriormente. Na faculdade a equipe foi composta por seis estudantes, já na criação deste artigo apenas dois participaram.

Com a pauta definida, ficou acertado de se ouvir a coordenação da Faces – responsável pelo evento, os atores e diretores dos espetáculos, e já sabendo que muitos apontariam as dificuldades, a ideia principal da equipe não era elencar “as pedras no meio do caminho”, mas destacar que com determinação e foco é possível fazer teatro na Amazônia, além, é claro, de mostrar as “multifacetadas” de quem se desdobra em cima e fora dos palcos para entreter através da arte.

Ao ser escrita, a reportagem seguiu a cronologia das apresentações e narra resumidamente as histórias que foram contadas, assim como as histórias de quem trabalhou duro para que ao abrir das cortinas um verdadeiro espetáculo acontecesse.

No artigo “O jornalismo literário como gênero ou conceito” (2006), o jornalista e doutor em Literatura Felipe Pena, explica sobre a amplitude do conceito de jornalismo literário. Segundo Pena, “significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead (ou lide), evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira”. Ou seja, a reportagem “Histórias de quem conta histórias” segue essa amplitude do jornalismo literário, uma vez que seus autores propuseram justamente essa “quebra” com os padrões do fazer jornalismo comum e permitir que o texto depois de lido seja esquecido. A matéria foi pensada para ser um registro histórico, de pessoas determinadas e que servem de inspiração para as novas e futuras gerações de atores, amadores ou não.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da

redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas (PENA, 2006, p. 6).

2 OBJETIVOS

Compõem objetivos deste trabalho: apresentar a o evento “Teatro 36 horas no ar” a partir das suas primeiras seis horas; narrar sobre os personagens que trabalham para fazer teatro na Amazônia e que apesar de encontrarem inúmeras dificuldades, veem na arte a possibilidade de transformar sonho em realidade, e utilizar técnicas do jornalismo literário, que permitem além do simples ato de informar ou entreter, mas sim de uma junção harmoniosa de ambos. Como diz Pena (2006), não se trata de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. A reportagem em questão surge como uma vitrine de talentos, expondo artistas em prol de patrocínios para trabalhos futuros, além de contribuir para que nas próximas edições do “Teatro 36 horas no ar” se tenha não só mais público, que enxergue o teatro como forma de entretenimento acessível, bem como maior apoio de investidores em cultura e arte.

3 JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sodré e Ferrari (1986, p. 75) dizem que na narrativa literária, o conto costuma ser a forma mais curta; em jornalismo, a reportagem é a mais longa. Mas as duas formas muito se assemelham: pode-se dizer que a reportagem é o conto jornalístico – um modo especial de propiciar a personalização da informação ou aquilo que também se indica como “interesse humano”. Na literatura, o conto apresenta uma centelha, um momento, uma fatia temporal da existência de um personagem. No jornalismo – tanto no chamado livro-reportagem, quanto no jornal diário – a reportagem amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da forma-notícia.

Os autores elencam cinco características importantes para a construção de uma reportagem:

Força	Um texto tem força quando arrebatava o leitor e faz com que ele chegue ao fim da narrativa. Os pressupostos para tal resultado estão ligados à seleção de elementos que, combinados em sequência, produzem um
-------	---

	efeito.
Clareza	Atributo indispensável ao jornalismo, diz respeito à objetividade narrativa, com vistas à compreensão imediata. O excesso de detalhes, muitas vezes, obscurece a história ao invés de enriquecê-la.
Condensação (ou compactação de elementos)	Diz respeito não apenas ao cúmulo, mas à concentração e síntese com que se manipulam os recursos narrativos e descritivos.
Tensão	Está ligada à dosagem com que os elementos são dispostos em sequência (levando em conta a condensação), mas fazendo com que essa dosagem sirva a um clímax, isto é, vá em direção a um ponto de interesse máximo dentro da história.
Novidade	De modo algum deve ser confundida com “novismo” – a inovação forçada e gratuita. Novidade pode estar ligada ao acontecimento inédito (uma história surpreendente), mas também diz respeito à observação diferente de qualquer assunto, ao ângulo insuspeitado na percepção de um fato, pessoa ou tema.

A reportagem que originou este artigo trata sobre o teatro e como manifestação cultural reitera-se sobre o jornalismo cultural, que por meio do texto busca “convidar e provocar o leitor, notando ainda que essas duas ações não raro se tornam a mesma: o leitor que se sente provocado por uma opinião diferente está também sendo convidado a conhecer um repertório novo, a ganhar informação e reflexão sobre um assunto que tendia a encarar de outra forma” (PIZA, 2003, p. 68).

A reportagem “Histórias de quem conta histórias” foi escrita através de um trabalho acadêmico que permitiu a utilização dos conhecimentos ao longo de seis períodos do curso

de Jornalismo da Estácio FAP, com ênfase na disciplina Planejamento de Cobertura Jornalística, que além da produção da pauta, levou os estudantes à prática, vivendo a correria e contratempos do acompanhamento de um evento onde tudo poderia acontecer. O texto contribui para a valorização de profissionais, que não desistem de viver da arte, ainda que tenham motivos para isso. Em sua maioria os grupos de teatro dos quais se fala na matéria não têm financiamentos e patrocínios e a narração de suas histórias não deixa de ser uma forma de chamar a atenção para quem sabe se conseguir apoio e investimentos para a carência artístico-cultural na Amazônia.

Ao pensar em uma reportagem para veículo impresso, os autores deste trabalho basearam-se em conceitos assimilados anteriormente durante a disciplina Redação para Mídia Impressa, como o caráter documental que o jornalismo impresso possibilita e a abordagem de temas de forma mais detalhada, estando os responsáveis atentos à apuração e aprofundamento do tema evidenciado.

Beltrão (1980) aponta o jornalista como sendo o transmissor de uma informação detalhada, ampliando o número de pessoas com acesso a determinado tema e possibilitando ao leitor a capacidade de entender a notícia como parte integrante da realidade.

Sabe-se que a tradição do jornalismo impresso tem dois tipos de maneiras de se publicar. A primeira é o texto básico, que dá, informa as notícias e a segunda é a reportagem, que traz conteúdo mais complexo. A reportagem tem sido impactada no “fazer jornalismo” atual, já que se vive na era da informação e da instantaneidade que as novas mídias, como a internet, oferecem. O privilégio da rapidez versus as produções mais elaboradas, acaba permitindo a publicação de textos sintetizados e sem ou pouco aprofundamento.

Para este trabalho optou-se pelo uso da linguagem literária, principalmente pelo conteúdo evidenciar o mundo artístico do teatro. Como dito anteriormente, o uso da literatura permite não seguir a rigidez do tradicionalismo textual que se exige no “fazer notícia”.

Erbolato (2003, p. 39) diz que a reportagem em profundidade exige antecedentes e humanização.

<i>Antecedentes</i> é, talvez, a primeira das palavras que denotam o anti-superficialismo. Para a maioria dos	<i>Humanização</i> quer dizer levar a informação até o ambiente do leitor, de maneira que ele a sinta. Não é escrever para o leitor, mas
---	--

jornalistas significa agregar, adicionar informações complementares às notícias do dia. Pode-se tratar de uma história antiga ou atual a ser acrescida, mas que dê perspectiva ao leitor. Em geral, os antecedentes se limitam ao fato principal e não constituem esforço para encaixar as notícias do momento em um quadro maior de fatos.	redigir de tal forma que a notícia tenha um sentido para ele. (...) Humanizar uma história séria, também, enquadrar o personagem de um acontecimento no mesmo cenário da maioria dos leitores.
---	--

De acordo com Lage (2001), há duas modalidades de texto, o que expõe e o que narra. Este trabalho parte de um texto de forma narrativa.

Textos de estrutura narrativa são aqueles que se organizam a partir de sequências de acontecimentos. Tais acontecimentos relacionam-se entre si temporalmente, por sucessividade, simultaneidade ou antecedência (...) O nível narrativo é marcado pela perfectividade verbal. O nível dos actantes é tipicamente nominal e adjetivo; evidencia-se ainda nos advérbios e no próprio conteúdo semântico do verbo da narrativa, quando ele expressa o modo da ação ou movimento. Para as notícias, no nível do discurso, têm importância particular as funções que fornecem o efeito de real, isto é, dados que, embora não significativos para a história, afiançam a validade do testemunho (LAGE, 2001, p. 79 e 80).

“Histórias de quem conta histórias” é uma reportagem justamente nesse estilo. A cobertura das seis primeiras horas do “Teatro 36 horas no ar”, onde a cada um hora uma companhia ou grupo teatral fazia uma apresentação, levou a um texto que acompanha essa cronologia e narra os acontecimentos na ordem em que eles iam acontecendo.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A produção da reportagem a qual este artigo defende começou com a definição pelo professor da disciplina Planejamento de Cobertura Jornalística do evento onde seriam praticados os conhecimentos apreendidos em sala de aula. Após a equipe, da qual faziam parte os autores, saber que se trataria do “Teatro 36 horas no ar”, aconteceu um processo de estudo do que era o evento, quais os responsáveis, os objetivos e a estrutura disponível. Feito isso, hora de produzir a pauta, para basear a cobertura e como forma de organização da equipe e não com a necessidade de se seguir a risca.

A pauta da reportagem que seria feita continha a ordem das apresentações que aconteceriam no horário coberto pela equipe; as companhias/grupos responsáveis por cada

uma e os contatos dos organizadores do evento, que compõem a Federação Estadual de Teatro (Faces).

Para este paper, partiu-se dos conhecimentos das aulas de Redação para Mídia Impressa e da abordagem de autores como Nilson Lage e Mário L. Erbolato, além das contribuições de Felipe Pena sobre jornalismo literário, entre elas o destaque para descrições e percepções.

Apresentar o conteúdo através do jornalismo literário foi opção dos autores para humanizar a narrativa, buscando mexer com o imaginário do leitor e assim o tornando próximo do que se descreve, ou seja, o jornalismo literário é o responsável por através de descrições, transportar o leitor ao universo dos personagens, literalmente falando, presentes na narrativa.

Segundo Noblat (2008, p.130-131) “as pessoas gostam de ouvir e de ler histórias. De preferência de outras pessoas”, e dessa tese veio o título da matéria. É justamente essa a proposta da reportagem contar histórias de outras pessoas. É fato que o jornalismo é isso, é gostar de gente, gostar contar histórias, gostar de contar histórias dessa gente.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto “Histórias de quem conta histórias” é uma reportagem narrativa, como diz Coimbra (2004, p. 86), onde a característica fundamental de seu texto é a de conter os fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou de posteridade. Por conter os fatos assim organizados, ela pode mostrar mudanças progressivas de estado nas pessoas e nas coisas, através do tempo. Segundo o autor, ela se distingue da reportagem dissertativa, cuja estrutura do texto se apoia num raciocínio explicitado, seguido de fundamentação, o que lhe dá a natureza de uma relação lógica.

Ainda de acordo com Coimbra, na reportagem narrativa, blocos (trechos compactados e contínuos) de natureza descritiva interrompem o desenrolar da ação. Quando esses blocos são introduzidos pelo próprio narrador, há, então, a ambientação franca e que há ambientação reflexa quando quem os introduz é alguma personagem. Esses blocos se forem muito extensos, podem criar um vazio narrativo, porém se forem utilizados com habilidade pelo narrador auxiliarão na criação do ritmo que ele quer imprimir à narrativa, criando alguns efeitos semelhantes (e outros diferentes) àqueles obtidos com os recursos de aceleração e retardação.

A reportagem em questão consiste em um panorama geral do que se viu nas primeiras seis horas do evento “Teatro 36 horas no ar”, que aconteceu em Belém, em 2014. A equipe de estudantes que foi para esta cobertura se dividiu e cada integrante se responsabilizou em fazer um resumo de uma apresentação e depois entrevistar os destaques do elenco, a direção do espetáculo e a técnica (pessoal de luz e áudio), que na maioria das vezes também são os próprios atores, que são diretores também.

Além de acompanhar as apresentações a hora em que aconteciam, também se teve acesso à coxia, os bastidores de cada apresentação: a correria para as trocas de roupas; os acabamentos nas pinturas faciais; a preocupação com a montagem dos cenários.

Conforme foi dito nos objetivos deste artigo, a reportagem em questão além de apresentar a o evento “Teatro 36 horas no ar” (que muitos nem ouvem falar) a partir das suas primeiras seis horas, faz uma narrativa sobre os personagens que trabalham para fazer teatro na Amazônia e que apesar de encontrarem inúmeras dificuldades, veem na arte a possibilidade de transformar sonho em realidade. Este é um produto que tem um discurso de divulgação de que a Amazônia também tem espaço para o teatro. “Histórias de quem conta histórias” surge como uma vitrine de talentos, expondo artistas em prol de patrocínios para trabalhos futuros, além de contribuir para que nas próximas edições do “Teatro 36 horas no ar” se tenha não só mais público, que enxergue o teatro como forma de entretenimento acessível, bem como maior apoio de investidores em cultura e arte.

Além do texto verbal, a reportagem é acompanhada de imagens fotográficas, que colaboram para o leitor viajar no mundo de fantasia que o teatro permite. Em cada abrir das cortinas novas histórias são contadas e no produto deste trabalho se tem muito além do que histórias apresentadas nos palcos, tem histórias de superação, histórias de sonho, histórias de vida.

6 CONSIDERAÇÕES

Belém do Pará, 13 de setembro de 2014. Às 10 horas da manhã tinha início o espetáculo **Teatro 36 horas no ar**. Nas próximas 36 horas, 36 peças seriam apresentadas no Teatro Margarida Schivasappa, da Fundação Cultural Tancredo Neves – o Centur. Em cada abrir das cortinas novas histórias seriam contadas, para todos os gostos, públicos, para amantes da comédia ou do drama. Mas todo o talento que os atores esbanjam em cena, tem por trás dos sorrisos estampados nos rostos de satisfação, dificuldades para transformar sonhos em realidade. Ou seria transformar realidades?

Companhias de Belém, do Marajó, do norte ao sul do Pará em um encontro de paixão pelo que se faz. Minutos antes de subir ao palco problemas como a falta de dinheiro para construção do cenário e figurinos, a viagem exaustiva para chegar a Belém, o cansaço físico das noites de ensaio são esquecidos, porque ao abrirem-se as cortinas o que importava era entreter crianças, jovens e adultos que pararam um pouquinho para prestigiar cada ator, e mesmo que sua trajetória de vida não fosse o destaque frente as narrativas que eram apresentadas, ela era também a homenageada em cada aplauso.

Os autores deste paper estavam entre os que acompanharam as seis primeiras horas de evento e apresentam na reportagem “Histórias de quem conta histórias” lições de amor, de superação, de dedicação. Histórias de vida! Eram para ser seis peças teatrais apresentadas, mas a Cia Parajoara não conseguiu chegar à tempo em Belém para cumprir o horário previsto na programação. Também pudera! Currálinho fica na imensidão do arquipélago marajoara e claro que o motor do barco que trazia os atores tinha que falhar no meio da Baía... “O casamento da D. Baratinha” teve de ficar para o dia seguinte, afinal o show não pode parar.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, L. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa: Um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 2004.
- ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo: Redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática: 2003.
- LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. 3 ed. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.
- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PENA, F. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6., 2006, Brasília. **Anais...** . Brasília: Intercom, 2006. p. 1 - 15.
- PIZA, D. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SODRÉ, M; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.